

A metáfora do amor

Elizabeth Siqueira

"O problema do amor nos interessa na medida em que vai nos permitir compreender o que se passa na transferência"¹.
"Entra-se na análise por uma porta enigmática"².

O *Seminário, livro 8: a transferência*³, de Jacques Lacan, tem por objetivo trabalhar essa forma de amor que é a transferência e sua relação com os poderes do campo da linguagem e da função da fala; relação descoberta pela psicanálise, sem a qual não existiria civilização.

O fenômeno da transferência surgiu inesperadamente no seio de uma busca pelo saber sobre a causalidade e o sentido dos sintomas histéricos, a partir da decisão de Breuer e Freud de não recuar diante dos mesmos, posto que a falta de "uma discussão sobre o assunto, para atender a uma necessidade vital da técnica"⁴ havia retardado, no entender de Freud, o desenvolvimento da terapia psicanalítica em sua primeira década.

O mesmo encontro contingente e súbito com o amor obteve respostas diferentes dos dois pesquisadores: um fez do tropeço uma descoberta e com ela uma invenção, de verdadeiro *savoir-faire*, enquanto o outro fez do tropeço um impedimento. Breuer desviou-se dos seus objetivos terapêuticos porque deu ao encontro acidental uma resposta ao mesmo tempo burguesa e egóica.

Freud, pelo contrário, não escamoteou o encontro com o fenômeno amoroso na cena terapêutica, levou-o a sério e o considerou parte integrante dela. Deu ao amor o *status* de mola da transferência por não perceber nenhuma distinção verdadeiramente essencial entre um e outra. Freud considera que um psicanalista tem que encarar as coisas de um ponto de vista diferente e deve enfrentá-las com calma e jamais

atribuir aos seus encantos a causa do amor de transferência, mas reconhecer que ele é induzido pela situação analítica⁵. Por isso, Lacan reconheceu Freud como "senhor de Eros"⁶, na medida em que escolheu servi-lo para melhor servir-se dele.

Reconhece, então, a partir de Freud, que a finalidade da transferência não é o Bem, mas Eros. Nesse contexto, o bem do outro não é o que mais importa. O analista não está na experiência analítica para o bem do seu analisante, mas para que ele ame. Para que ele, a partir do lugar do amado (*érômenos*), aceda ao lugar daquele que ama (*érastès*), com a finalidade de convocar a posição subjetiva daquele que lhe fala. Essa substituição é para Lacan a mola da transferência, sua condição de possibilidade e base necessária à instalação da experiência analítica.

Lacan encontrou no *Banquete*, obra de Platão⁷ dedicada ao amor, a estrutura da qual se serviu para esclarecer a confusa estrutura da transferência proposta pelos seus contemporâneos adeptos da Psicologia do Ego, que praticamente a reduziam aos fenômenos contratransferenciais. Leitor atento dessa obra de Platão, consegue com ela produzir um clarão nesse, até então, bem obscuro terreno.

Relembrando: O *Banquete* era um concurso que, na Grécia antiga, reunia homens sérios e de notório saber para debaterem sobre um tema polêmico ou de difícil abordagem, esclarecendo como o Amor dá uma razão a nossa existência, como dizia Sartre⁸.

Segundo Lacan⁹, o que se desenrola nesta obra permite qualificar as duas funções, anteriormente referidas, a do amante e a do amado, com todo o rigor de que a experiência analítica é capaz. Para ele, o amante é o sujeito do desejo e o amado é aquele que, nesse par, possui alguma coisa.

Nesse seminário, algumas questões são colocadas por Lacan, mas eu escolhi destacar três importantes indagações

que ele se faz, buscando respondê-las ao longo do mesmo. São elas: qual a nossa relação com o ser do paciente? É disso que se trata na análise? Isso tem alguma relação com a natureza do amor?

A resposta lhe dá Freud, ao situar a transferência no eixo do amor, e isso é análogo à dialética dos dois termos de onde partimos: o amante e o amado.

O amante caracteriza-se por aquilo que lhe falta, porém ele não sabe precisamente o que lhe falta, com a inocência própria do inconsciente; sabe apenas que algo falta. O *érômenos* é aquele que é amado: ele não sabe que o outro vê nele o objeto de seu amor, e que este constitui sua atração. Entre eles, o amante e o amado, não há nenhuma coincidência, pois o que falta a um não é o que o outro possui¹⁰.

O amor, como relação primitiva com o Outro, é conflito, discordância, heteromorfia e nisso localiza-se seu problema. Basta amar para se ver presa dessa discórdia, porque sua visada é totalizante e imaginária, e, assim sendo, sem saída. Deságua no ódio que visa dominar a alteridade do objeto de amor.

O amor como relação de objeto diz respeito ao campo do imaginário, por isso Lacan¹¹ propôs uma solução simbólica que é a saída pelo significante. O amor como significante é uma metáfora, posto que metáfora é substituição, pois é na medida em que o amante enquanto sujeito da falta substitui a função do objeto amado que se produz a significação do amor, a saber, o intercâmbio dos lugares. Essa solução simbólica que põe limite ao engessamento imaginário do amor proposto pela teoria das relações de objeto, só é possível se ambos os polos, o amante e o amado, estiverem imersos na linguagem. É uma solução que só pode ser alcançada pelos processos próprios à linguagem, substituições e deslizamentos, primordialmente pela metáfora, na medida em que ela permite a partir de outra coisa alcançar a dimensão

inconsciente do desejo, dimensão que também só encontra solução não no objeto visado, mas no plano do significante, que humaniza o desejo humano como sendo sempre desejo de outra coisa¹². Pela metáfora, ou seja, pela substituição significante dos lugares, Lacan¹³ encontrou um tratamento simbólico para a tensão imaginária que tem por objetivo apropriar-se do ser do Outro, para ser Um com ele, ou ao contrário eliminá-lo por causa da sua indocilidade e recusa em aceitar ser submerso no Outro. Em tudo isso, podemos observar o enorme esforço feito por Lacan¹⁴ para sair da dicotomia *Imaginário X Simbólico* e fazê-los dialogar, fazer de um a porta de entrada para o outro, ou seja, fazer chegar ao desejo pela via da demanda de amor, ela mesma tecida com filamentos significantes, possibilitando assim um recobrimento simbólico no registro imaginário do amor.

A metáfora do amor que faz com que um amado se comporte como um amante é algo que os deuses achavam sublime, conforme destaca Platão¹⁵. Fedro, em sua fala no *Banquete*, opõe expressamente dois personagens mitológicos, Alceste e Aquiles, fazendo a balança da admiração pender para o lado de Aquiles porque ele estava na posição do amado, como veremos a seguir.

Alceste¹⁶ é na mitologia grega, uma princesa célebre pelo amor que devota ao seu marido. Seu pai, o rei Pélias, a prometera àquele que fosse até ele num carro puxado por leões e javalis. Admeto, jovem rei da Tessália, a quem Apolo se comprometera a servir durante um ano, executa a tarefa com a ajuda do deus e ganha a mão de Alceste.

Admeto tratava muito bem seus súditos e servos. Foi sua sorte, pois, sem que ele soubesse, o deus Apolo tomou lugar entre seus empregados. O deus ficou tão admirado com o bom tratamento que o rei dispensava a todos que resolveu tornar-se seu protetor e por isso o ajudou a desposar a bela princesa Alceste, que era disputada por outros reis mais poderosos.

Admeto e Alceste experimentaram, por alguns anos, as alegrias de um casamento feliz. Tiveram dois filhos que foram recebidos com muito júbilo pelos súditos que idolatravam o casal real. Entretanto, o jovem Admeto adoeceu repentinamente de uma enfermidade que o levaria ao Hades. Admeto recorre a Apolo que negocia com Tântatos; este só aceita poupá-lo da morte se alguém se oferecer para morrer no seu lugar. Porém, ninguém aceitou substituí-lo na morte, nem mesmo seu pai ou sua mãe que já eram bastante idosos. Ao saber da tal condição, sua doce e jovem esposa aceita voluntariamente substituí-lo, alegando que não poderia seguir vivendo após a morte do marido. Ele aceita a oferta sacrificial.

Admeto chorou de gratidão e suas lágrimas se misturaram às dela numa tocante cerimônia de adeus, interrompida por Tântatos para levá-la. Admeto ficou inconsolável e não aceitou nem mesmo os pêsames dos pais, tendo-os acusado de egoístas e insensíveis; seu pai retruca, dizendo amar muito a vida para desperdiçar o pouco que lhe restava, mas, que ele, sim, é quem fora egoísta e covarde ao aceitar a mortal substituição.

O invencível Hércules, comovido com a tragédia que envolvera o casal, enfrentou corajosamente Hades e conseguiu trazer a rainha de volta. Admeto ficou radiante, mas Alceste voltou muda, jamais pronunciou nenhuma palavra.

Outro grande exemplo, porém estruturalmente distinto (exemplo), é o de Aquiles, guerreiro e semideus grego mitológico da guerra de Troia, considerado por Homero o maior dos heróis gregos.

Sétimo filho de Peleu, rei dos mirmidões da Riótida na Tessália, com Tétis, a mais bela das nereidas, ninfa marinha e neta da Terra e do Mar, Aquiles era neto de Éaco e descendente de Zeus que, desejoso de dar um povo a Éaco, transformou uma colônia de formigas - em grego *myrmex*, daí o nome de mirmidões - em homens.

Uma das versões correntes conta que, inconformada com a mortalidade dos filhos que gerava, Tétis mergulhou seu filho nas águas do rio Estige, rio infernal, segurando-o pelo calcanhar, para torná-lo invulnerável. Assim, este ponto ficou vulnerável, visto que não havia sido mergulhado nas águas imortalizantes do rio, dando origem à proverbial expressão *calcanhar de Aquiles*, como referência a um ponto fraco. Ainda mais, sua mãe o teria criado como menina na corte de Licomedes, na ilha de Ciro, para mantê-lo a salvo de uma profecia de Calcante, que o destinava a morrer jovem no campo de batalha. Calcante, célebre adivinho, havia predito que a presença do grego seria indispensável para a vitória dos seus compatriotas em Troia, mas que lá ele morreria.

Criado com o nome de Pirra, que significa ruiva, vivia entre as filhas do rei, porém o herói revelou-se a Deidânia, uma dessas moças e com ela gerou Neoptólemo. Ulisses, sabedor da profecia de que só com sua ajuda venceriam a guerra contra Troia, recorreu a um ardil para identificá-lo entre as moças. Ao simular uma invasão, as filhas do rei correram amedrontadas, enquanto somente ele reagiu, aprontando-se para enfrentar os assaltantes, revelando assim sua verdadeira origem e identidade.

Apesar das advertências da desesperada mãe de que se partisse teria uma vida cheia de glórias, porém curta, optou resoluto por marchar com os gregos e partiu para a guerra. No décimo ano de luta, a jovem Criseida, filha de Crises, sacerdote de Apolo, foi tomada por Agamenon, chefe supremo dos gregos. Por se negar a devolver Criseida para seu pai, o acampamento de Agamenon foi assolado por uma peste enviada por Apolo. Assustado, o comandante supremo decidiu devolver a moça, mas como compensação exigiu Briseida, escrava favorita de Aquiles, que, ofendido, retirou-se da guerra, doando inclusive sua armadura a seu amigo e amante, Pátroclo.

Os gregos começaram a fracassar e Pátroclo foi morto por Heitor, filho de Príamo, rei de Troia. Dominado pelo ódio e pelo desejo de vingança, Aquiles reconciliou-se com Agamenon e voltou à guerra. Matou Heitor e arrastou seu cadáver em torno da sepultura de Pátroclo. Em seguida, amarrou seu corpo a seus cavalos e o arrastou ao redor das muralhas da cidade. Mas ele sempre soube que estava destinado a morrer em Troia, longe da sua pátria: ele acaba sendo morto por Páris, irmão de Heitor, que acertou seu calcanhar, único ponto vulnerável de seu corpo, com uma flecha envenenada, dirigida por Apolo. O seu cadáver, segundo a versão mais comum, foi enterrado no Helesponto, junto ao de Pátroclo, e, aqui, segundo Lacan¹⁷, um amado seguiu seu amante na morte.

Para Lacan¹⁸, Alceste não produz a metáfora do amor, mas o sacrifício. Considera que ela não morre por Admeto, mas por outra coisa, por uma causa obscura que não se confunde com ele. Na verdade, ela se dirige a um mais-além do objeto de amor: ao ser do outro que escapa à dialética significante. É, portanto, o ser do outro que Alceste substitui na morte. A substituição, a metáfora, à qual Lacan¹⁹ se refere, é aqui, segundo ele, realizada ao pé-da-letra. Ela se coloca literalmente no lugar dele, numa substituição direta de um ser por outro ser.

Ainda segundo Lacan²⁰, com Aquiles trata-se de outra coisa: ele, que era o amado, segue Pátroclo, o amante, na morte. Afirma que é nessa direção que desemboca o que ele chamara a metáfora do amor. Aqui, um amado se comporta como amante.

Voltando ao seminário propriamente dito, o que inicia o movimento de acesso ao outro que nos é dado pelo amor é o desejo pelo objeto amado, na medida em que o outro enquanto visado no desejo é visado como objeto amado. Sobre isso, assim se pronuncia Lacan: "eu compararia à mão que se adianta para pegar o fruto quando maduro"²¹. O amor,

portanto, se engancha no encontro da busca com a oferta. É o amor em face de, e o objeto amado transforma-se, de súbito, naquele que deseja. A mão que surge do outro lado é o milagre, e o milagre é o inexplicável do real e é sempre inexplicável que o quer que seja responda ao desejo, considera Lacan²².

A transferência é, pois, nos dizeres de Freud e Lacan, algo que se assemelha ao amor, que põe em causa o amor, já que ela se articula ao que falta ao sujeito e que ele vai encontrar na análise, a saber, o desejo próprio e singular de cada um. A bem dizer, inicia-se por uma demanda de amor e se tem como resposta a colocação do sujeito no circuito do desejo.

O desejo - nos ensina Lacan²³ - não é um bem em nenhum sentido do termo, e é no tempo da eclosão do amor de transferência que se dá esta inversão: da busca de um bem, encontra-se a realização do desejo que não é a posse de um objeto, mas o efeito da emergência à realidade do desejo como tal que goza de desejar.

Lacan²⁴ sublinha que essa dialética tem tudo para surpreender, pois a função da falta constitutiva da relação do amor vai num passe de prestidigitação fazer desabrochar a função desejante do amor, ou seja, "a substituição pelo ele deseja do que ele ama".

Propiciar a passagem do amor ao desejo é propriamente falando o objetivo da função do analista. Para isso, precisa introduzir a falta no coração da questão do amor. Em outras palavras, precisa barrar o excesso de plenitude narcísica que impede o advento da condição desejante, em virtude da hipertrofia egóica, bem como minimizar a reciprocidade esperada entre sujeitos no amor. Alcançar o *status* desejante, em falta, é crucial para mover o vivente da condição de objeto apassivado e submetido aos caprichos do Outro. Pode-se, então, afirmar que a definição da dialética do amor vem ao encontro do que Lacan define como

a função metonímica do desejo, na medida em que esse último está mais além de todos os objetos e por isso mesmo instala no sujeito uma curiosa e inesperada proporção direta: quanto mais ele deseja mais se torna ele mesmo desejável²⁵.

O desejo é, portanto, o ponto de gravidade, ou seja, o ponto de equilíbrio do amor, na medida em que torna desejante aquele que é amado, ofertando-lhe com isso a oportunidade de atingir uma região singular e essencial do ser²⁶ - a do desejo, como aquilo que se refere ao sujeito, que o constitui e faz com que se enraíze num destino particular²⁷.

(...) se não lhes expliquei, ao menos indiquei por diversas vezes, esse diálogo de Platão se situa, historicamente, na origem, não somente do que se pode chamar de uma explicação do amor em nossa era cultural, mas de um desenvolvimento dessa função, que é, em suma, a mais profunda, a mais radical, a mais misteriosa das relações entre os sujeitos²⁸.

Ora, é à exigência de reconhecimento pelo Outro, que é nada menos do que uma exigência de amor, que pode ou não ser atendida, à qual se liga o amor como tal. O amor não é idêntico a cada uma das demandas com as quais é assediado, mas situa-se mais além delas, na medida em que diz respeito muito mais ao estreitamento da diferença entre o sujeito e o Outro, uma vez que o sujeito acredita que o Outro detém o segredo do que ele é fazendo-o ser. Crê que se o Outro o ama, torna-se inexcusável, salvo de perecimento, centro de referência absoluto e protegido contra a desvalorização²⁹.

A questão é perceber que a relação que liga ao Outro, ao qual se dirige a demanda de amor, transmuta-o em um outro Outro que não o do amor, mas o Outro do desejo que nos faz algo distinto de um sujeito submisso ao deslizamento infinito do significante, mas esse algo de único, de inapreciável, de insubstituível. No dizer de

Lacan, "a individualidade consiste inteiramente na relação privilegiada em que culminamos como sujeito no desejo"³⁰.

Trata-se, então, de fazer surgir, com a transferência, o desejo como resposta, como "essa outra mão que se estende para nós, bem como seu desejo"³¹. É por desconhecer o desejo do Outro que o sujeito é possuído por um amor que Freud nomeou *amor de transferência* e que Lacan, por sua vez, definiu sua função: remeter ao desejo.

Portanto, o sujeito que se trata de alcançar, via amor de transferência, é o sujeito do desejo e não o do amor. O amor é meio, é veículo para se alcançar um fim: a condição desejante que emergirá pelo viés da fala e da linguagem sob a forma de um buraco induzido pela demanda de amor feita ao Outro de vir responder à falta. Falando, o sujeito demanda ao Outro que responda à sua própria falta-a-ser que, por esse movimento, emerge como desejo. A articulação significante da falta na demanda de amor endereçada ao Outro faz emergir um sujeito cujo desejo define-se a partir disto: a fala não pode preencher, a partir dessa falta que é a inscrição no campo simbólico, onde ele busca o sentido do seu ser, posto que o pacto da palavra vai além da relação individual e de suas vicissitudes imaginárias.

Então, a condição desejante que conta com a falta no seu coração é causa de movimento, de vida, como bem o demonstra o deslizamento significante da cadeia que faz face à inércia imaginária do Ego. Esse é o desejo propriamente humano, esquecido e subestimado pelo ideal adaptativo da Psicologia do Ego que também menosprezava o valor da linguagem, ignorando a dimensão simbólica na origem da falta-a-ser do sujeito, uma vez que o objeto que poderia responder à demanda de modo plenamente satisfatório não existe, e essa precariedade inerente ao ser humano é efeito da linguagem.

Tudo isso quer dizer que, para Lacan³², a dependência humana não é à necessidade, mas à linguagem. O desejo já é o efeito do significante sobre o animal que ele marca.

Vai ficando cada vez mais claro que é preciso partir da experiência do amor, pois como muito bem disse Lacan "só o amor permite ao gozo condescender ao desejo"³³, ou seja, partir do amor para atingir o desejo, sem perder de vista, no entanto, que "só há desejo realizável implicando a castração"³⁴. Adverte-nos ainda, em seu seminário inédito "Los nombres del padre"³⁵, que ali onde o desejo foi expulso temos o masoquismo como último recurso para ligar o corpo ao simbólico e não se cair na insuportável e insustentável leveza do ser.

¹ LACAN, J. (1992/1960-1961). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 43.

² IDEM. (2005/1962-1963). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 307.

³ IDEM. (1992/1960-1961). *O seminário, livro 8: a transferência*. Op. cit.

⁴ FREUD, S. (1996/1915[1914]). "Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 177.

⁵ IDEM. Ibid., p. 178.

⁶ LACAN, J. (1992/1960-1961). *O seminário, livro 8: a transferência*. Op. cit., p. 16.

⁷ PLATÃO. (2011/429-347a.C.). *O Banquete*. Rio de Janeiro: Saraiva de bolso.

⁸ SARTRE, J.-P. (2012/1943). *O ser e o nada*. Petrópolis: Editora Vozes.

⁹ LACAN, J. (1992/1960-1961). *O seminário, livro 8: a transferência*. Op. cit., p. 43.

¹⁰ IDEM. Ibid., p. 46.

¹¹ IDEM. Ibidem.

¹² IDEM. (2013/1958-1959). *Le désir et son interprétation*. Paris: La Martinière.

¹³ IDEM. (1992/1960-1961). *O seminário, livro 8: a transferência*. Op. cit., p. 47.

¹⁴ IDEM. (2013/1958-1959). *Le désir et son interprétation*. Op. cit. Ver também: IDEM. (1992/1960-1961). *O seminário, livro 8: a transferência*. Op. cit.

¹⁵ PLATÃO. (2011/429-347a.C.). *O Banquete*.

¹⁶ Recuperado de Wikipédia em 10.03.2014.

¹⁷ LACAN, J. (1992/1960-1961). *O seminário, livro 8: a transferência*. Op. cit., p. 54.

-
- ¹⁸ IDEM. *Ibidem*.
- ¹⁹ IDEM. *Ibid.*, p. 53.
- ²⁰ IDEM. *Ibid.*, p. 55.
- ²¹ IDEM. *Ibid.*, p. 59.
- ²² IDEM. *Ibidem*.
- ²³ IDEM. *Ibid.*, p. 71.
- ²⁴ IDEM. *Ibid.*, p. 120.
- ²⁵ IDEM. *Ibid.*, p. 132.
- ²⁶ IDEM. (2013/1958-1959). *Le désir et son interprétation*. Op. cit., p. 208.
- ²⁷ IDEM. (1998/1959-1960). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 383.
- ²⁸ IDEM. (1992/1960-1961). *O seminário, livro 8: a transferência*. Op. cit., p. 169.
- ²⁹ SARTRE, J.-P. (2012/1943). *O ser e o nada*. Op. cit.
- ³⁰ LACAN, J. (1992/1960-1961). *O seminário, livro 8: a transferência*. Op. cit., p. 133.
- ³¹ IDEM. *Ibid.*, p. 180.
- ³² IDEM. (2013/1958-1959). *Le désir et son interprétation*. Op. cit.
- ³³ IDEM. (2005/1962-1963). *O seminário, livro 10: a angústia*. Op. cit., p. 197.
- ³⁴ IDEM. *Ibid.*, p. 199.
- ³⁵ IDEM. (1973-1974). "Los nombres del padre". Seminário inédito, p. 29. A edição utilizada foi traduzida por AGOFF, I. & RAMOS, E. para uso interno da Escola Freudiana de Buenos Aires.